

EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS POR ADOLESCENTES EM TRIBOS URBANAS: COM A PALAVRA OS *EMOS*

Bianca Orrico Serrão¹

Grupo de Pesquisa em Interações, Tecnologias Digitais e Sociedade (GITS)
Universidade Federal da Bahia - UFBA
bianca.orrico@gmail.com

Juliana Prates Santana²

Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento Humano em Situações de Risco Social e Pessoal
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
julianapsantana@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar a inserção de adolescentes na tribo urbana *emo*, assim como as repercussões no seu desenvolvimento e em suas relações familiares. Com este intuito, foi realizada uma pesquisa participativa com adolescentes que se autodenominam como *emos* e seus familiares. Como estratégias metodológicas, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, observação e análise de fotografias selecionadas pelos participantes. A partir dos dados apresentados, foi possível verificar que o ingresso dos adolescentes é motivado pela identificação com o estilo musical e caracterização visual do grupo, sendo muitas vezes mediada por amigos. Nas relações familiares, cabe destacar que o impacto provocado pelo ingresso no grupo depende de características prévias dessas famílias, sendo que o diálogo e o respeito contribuem como um fator de proteção para esses adolescentes. O ambiente virtual é o principal contexto de interação entre os membros do grupo, já que este propicia uma relação entre iguais, minimizando a estigmatização vivenciada pelos *emos* em outros espaços. De fato, grande parte dos entrevistados ressalta ter sido alvo de violência e discriminação em função da sua participação no grupo, principalmente no ambiente escolar. Esta violência, agregada a comportamentos de risco como a automutilação e isolamento, fazem com que a participação dos

¹ Psicóloga formada pela Universidade Salvador, com especialização em andamento em Psicanálise, atualmente é psicóloga da Safernet Brasil.

² Psicóloga formada pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutora em Estudos da Criança pela Universidade do Minho, Portugal. Atualmente é professora da Universidade Federal da Bahia. Endereço: Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Rua Aristides Novis, n. 2, Estrada de São Lázaro CEP: 40210-730, Salvador, Bahia, Brasil. julianapsantana@gmail.com



adolescentes nessas tribos se caracterize como uma situação de vulnerabilidade, sendo necessária uma maior atenção para o grupo apresentado.

Palavras-chave: Tribos Urbanas; Adolescentes *emos*; Relações Familiares.

Abstract

This study aims to investigate the inclusion of adolescents in the urban tribe *emo* and the impact of that participation on their development and family relations. For this purpose, we conducted participative research involving ten teenagers who call themselves *emos* identified through the social network Orkut. As methodological strategies, we conducted semi-structured interviews, ethnographic observation and the analysis of selected photographs by participants. We found that the inflow of teenagers is motivated by identification with the musical style and visual characterization of the group, often mediated by friends. In the family relationships, it is worth noting that the impact caused by joining the group depends on previous characteristics of these families. Dialogue and respect act as protective factors for these adolescents. Electronic networks are the main contexts of interaction among group members, since it provides a relationship among peers, minimizing stigmatization experienced by *emos* in other spaces. In fact, most of the participants emphasize that they have been the target of violence and discrimination because of their group membership, particularly at school. Violence, along with risk behaviours, such as self-mutilation and isolation, mean that the participation of adolescents in these tribes places them in a situation of vulnerability, thereby requiring greater attention to this group.

Keywords: Urban tribes; Teens *emos*; Participative methodologies.

Introdução

Este artigo tem por objetivo principal compreender as experiências vivenciadas por adolescentes que ingressam em tribos urbanas, especificamente os *emos* e o impacto deste ingresso nas relações familiares.

Quando se estuda a adolescência e/ou os adolescentes torna-se necessário uma distinção entre estes dois conceitos que apesar de aparentemente óbvia envolve uma série de questões teóricas. O adolescente está associado às alterações físicas,



psíquicas e biológicas vivenciadas pelo ser humano após a puberdade. Já a adolescência se refere ao conjunto de representações e prescrições sociais construídas em torno de determinada faixa etária. Trata-se, neste sentido de uma categoria social do tipo geracional, que para ser compreendida deve ser associada a outras variáveis sociais como classe, gênero e raça. Tradicionalmente, a Psicologia do Desenvolvimento estuda o (a) adolescente e todas as transformações físicas, cognitivas e psicossociais ocorridas nesta importante etapa do desenvolvimento humano, muitas vezes desconsiderando as outras variáveis sociais, que caracterizam a adolescência enquanto uma construção social.

Uma das principais tarefas do adolescente é, em nossa sociedade, a construção de uma identidade social, como já apontava Erikson (1972). Para este autor, trata-se de uma “moratória social”, em que a sociedade aguarda a transição desse sujeito até o momento que exerça o papel de adulto. Erikson defende, ainda, que a interação com o outro possibilita uma troca simultânea entre o indivíduo e o meio em que ele se encontra inserido, e que é neste momento que ocorre uma crise de identidade fundamental para o desenvolvimento de sua personalidade.

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano possibilita o estudo conjugado do adolescente e da adolescência, na medida em que compreende o desenvolvimento enquanto um produto da interação da pessoa com os contextos em que está inserida. Além disso, a partir desta abordagem teórica torna-se evidente a importância da investigação conjunta do impacto do ingresso dos adolescentes nas tribos *emos* em seu desenvolvimento e nas suas relações familiares.

De acordo com a abordagem ecológica, as relações presentes no desenvolvimento da criança e do adolescente, incluindo singularidades de cada indivíduo, ou seja, suas influências culturais, relações sociais e familiares, são estabelecidas dentro dos diversos sistemas em que se encontram inseridas. Com isso, é necessário deter-se a uma visão interacionista entre os aspectos biológicos e os aspectos ecológicos para uma maior compreensão do fenômeno estudado (Bee, & Veronese, 2003). Segundo a perspectiva ambiental, as características do indivíduo são tanto produtoras como produto do desenvolvimento, constituindo um dos elementos que influencia a forma como o sujeito experiencia, de maneira em que o adolescente molda e é moldado pelo meio em que circunda (Bronfenbrenner, 1999).

Na contemporaneidade, a adolescência começa a deixar de ser apenas uma fase do desenvolvimento humano e passa a se tornar um modo de existir no mundo.



Este período é marcado pela necessidade desse indivíduo de estar entre pares. Essa necessidade de “estar junto” permite ao adolescente se defrontar com realidades diversas que até então não foram encontradas na família, possibilitando seu desenvolvimento em diferentes esferas (Oliveira, Camilo, & Assunção, 2003). Neste sentido, ocorre um distanciamento da família como fonte principal de referência, onde o adolescente busca no ingresso em grupos, uma forma de encontrar novas identificações fora do contexto familiar.

Uma das formas de configuração das relações interpessoais dos adolescentes são as tribos urbanas definidas por Maffesoli (2006) como grupos constituídos de pessoas com afinidades confluentes em relação aos valores culturais, em um dado momento histórico social. Já Pais (2004) considera que “as tribos geram sentimentos de pertença e os seus marcos conviviais são garantias de afirmações identitárias” (p. 23). Nesses grupos, os adolescentes encontram afinidades por gostos musicais, moda, lazer, linguagem própria e indivíduos que compartilhem os seus ideais. Na perspectiva de alguns teóricos, o ingresso dos adolescentes em tribos urbanas pode ser justificado pelo fato de que no período do desenvolvimento social do adolescente, ele procura se afirmar, mostrando que suas necessidades e problemas merecem a atenção do adulto (Becker, 1989). Muitas vezes seus comportamentos são reflexos das problemáticas existentes no sistema em que se está inserido, como por exemplo, questões familiares, sociais, sexuais, econômicas, etc. Como uma das formas de manifestar suas insatisfações e transmitir sua visão acerca das circunstâncias que os envolvem, eles aderem a estilos de comportamentos, que se tornam comuns a um determinado grupo de pessoas, surgindo assim a formação de tribos no panorama urbano.

É necessário destacar a transformação da opinião individual para a opinião grupal na sociedade atual. Para Maffesoli (2006) em grupos particulares é claramente visto que algumas pessoas não expõem suas opiniões individuais com receio de não serem aceitos, serem criticados e até mesmo excluídos. Nesse sentido, o autor observa que os agrupamentos urbanos fazem parte de uma sociedade massificada, onde os seus componentes sofrem um processo de perda da individualidade, tornando-se, cada vez mais, seres sociais.

Algumas tribos urbanas levaram as questões sociais para dar significação a sua existência, como os *punks*, *hippies* e os *skinheads*. Estas possuíam um embasamento político e social, explicitando isso nas letras de suas músicas, no modo de se vestir e



no seu comportamento (FILHO, 2007). Outros grupos não tratam dessas questões, tendo como motivações principais problemas pessoais, vontade de serem aceitos socialmente, modismo, gostos estéticos comuns, dentre outros.

O interesse pela Tribo *Emo* surgiu em função de uma ausência de estudos acadêmicos sobre este tema e também o impacto que esta inserção parece ter sobre o desenvolvimento dos adolescentes que muitas vezes são vítimas de *bullying* e discriminação. O movimento *emo*³ surgiu na década de 80 nos Estados Unidos, com bandas derivadas de uma vertente do *punk rock* que tinham uma composição mais melódica e as letras com um conteúdo mais emocional. Era o chamado *emotional hardcore*. Os integrantes desse estilo musical, não eram definidos propriamente como uma tribo, mas apenas como uma derivação do *punk rock*.

Atualmente a mídia se apropriou desse estilo e seus integrantes passaram a ser caricaturados, tendo seu visual definido por acessórios, longas franjas nos cabelos, olhos pintados, cintos com aplicações de metal, dentre outros. Além disso, sua caracterização midiática passa também por emoções exacerbadas, melancolia, autodepreciação, abertura em relação à opção sexual e a crença de que sempre existe amor, independente das adversidades. Já foram deflagrados por alguns veículos de comunicação⁴, casos de agressões e atos de *bullying* aos *emos*. De acordo com adolescentes que se autodenominam *emos*, eles são alvos constantes de insultos e agressões físicas por partes de outras tribos urbanas e de outros segmentos da sociedade⁵. A maioria das páginas de *websites* encontradas que abordam os *emos* são voltadas para depreciá-los e estigmatizá-los, sempre referindo-se a eles de maneira pejorativa e muitas vezes homofóbica, já que o estilo dos *emos* faz com que sejam vistos como homossexuais. Assim, investigar de que maneira esses adolescentes lidam com as possíveis consequências sofridas com esse processo de estigmatização é um dos interesses que norteiam esta pesquisa.

Pela perspectiva dos meios de comunicação de massa e a forma com a qual eles representam os *emos*, dar-se a entender que os adolescentes aderem ao movimento por influência midiática, por modismo, sem uma busca por referências anteriores. Um ponto importante a discorrer quando se trata de tribos urbanas, é o

³ <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2008/02/412559.shtml>

⁴ <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1124406-1664,00.html>

⁵ Essas informações são provenientes de adolescentes que pertencem à tribo *emo*, em uma pesquisa anterior realizada pelas autoras no âmbito da disciplina Psicologia do Desenvolvimento II, na Universidade Salvador (UNIFACS).



contexto de consumo que elas estão inseridas. No entanto, são necessárias outras pesquisas que permitam desvelar as vozes desses atores sociais, compreendendo as suas motivações e experiências.

A convivência em uma tribo urbana parece permitir aos integrantes compartilhar experiências, visões e opiniões semelhantes, partilhar sentimentos e sensação de pertencimento, possibilitando, então, um processo de crescimento ao indivíduo. No entanto, o impacto que a inserção nessas tribos tem na vida dos adolescentes apenas poderá ser dimensionado através da escuta dos próprios membros desses grupos. É nesse sentido que houve o interesse em realizar uma pesquisa que buscasse simultaneamente compreender que experiências esses adolescentes vivenciam ao ingressar em uma tribo urbana, a partir do grupo *emo* e o impacto deste ingresso nas relações familiares. Este tema não tem recebido atenção no campo científico da psicologia do desenvolvimento, no entanto, acaba por se transformar em preocupação social e clínica, seja em função do isolamento, seja por causas em que se colocam em situações de risco como o ato de realizar escarificações pelo corpo, como foi observado no presente estudo.

Foi também investigado qual o impacto que ocorreu dentro do contexto familiar após o ingresso do adolescente no grupo *emo*. Uma hipótese proposta nesta pesquisa é que os pais, partindo do ideal proposto pelo senso comum, sentem-se culpados e são de fato culpabilizados pela sociedade pelo ingresso do adolescente em tribos urbanas, sendo esse fato colocado, algumas vezes, até como uma falta de limites ou de educação imposta pelos genitores. O objetivo inicial foi o de compreender como a família se defronta diante da entrada do filho em um grupo em situação de vulnerabilidade social tão em evidência quanto os *emos*.

Nesse sentido, a pesquisa teve como objetivo central investigar as experiências vividas por adolescentes que ingressam em uma tribo urbana *emo*. Como objetivos específicos buscou-se descrever o impacto deste ingresso nas relações familiares, motivações que levam os adolescentes a ingressar na tribo *emo*, a dinâmica de funcionamento do grupo e de que forma os adolescentes lidam com o estigma social/preconceito em relação ao *emos*.

Método

A pesquisa foi realizada em dois momentos consecutivos, sendo o primeiro realizado com os adolescentes *emos* e o segundo com os familiares destes



adolescentes.

O Contexto da Pesquisa e os Participantes

A pesquisa foi realizada na cidade de Salvador, com dez adolescentes e jovens, de ambos os sexos com idade entre 12 e 19 anos (média = 16,2 e desvio padrão = 1,9) sendo que 6 participantes foram do sexo masculino e 4 do sexo feminino. Para a inserção na pesquisa, foi pontuada a necessidade de participantes que assumem pertencer ao grupo *emo*. Como forma de acessar os adolescentes pertencentes ao grupo *emo* recorreu-se à rede social Orkut, sendo que a técnica de amostragem utilizada foi a tipo “bola de neve” (Jimenez *et al.*, 2001), pois, a partir de um adolescente convidado através da rede social *Orkut*, este, indicou alguns amigos que teriam disponibilidade de participar da pesquisa. Em relação à investigação sobre o impacto do ingresso dos adolescentes no grupo *emo* nas relações familiares, foram realizadas entrevistas com três díades, sendo duas genitoras e um genitor. Foi possível perceber uma resistência pela maioria dos adolescentes em solicitar aos pais ou responsáveis que participassem da pesquisa.

Procedimentos de Produção dos Dados

Após os convites serem enviados as páginas pessoais de cada adolescente pelo *Orkut*, foi esperado o retorno dos mesmos durante um período de 15 dias, sendo que neste momento, foi explicado através da rede social os objetivos da pesquisa, bem como o sigilo das informações. Posteriormente foram marcadas as entrevistas e nestes encontros presenciais foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os voluntários e para os seus respectivos responsáveis. Vale ressaltar que o termo foi enviado para os pais através dos próprios adolescentes. O termo foi lido com cada participante para que eles esclarecessem suas dúvidas acerca da sua participação na pesquisa. Após finalização da entrevista foi solicitado a cada adolescente que registrassem através de fotografias, o que representa os *emos*, para uma maior compreensão acerca do grupo. Além disso, houve a participação em um encontro com os adolescentes e seus responsáveis, coletando dados através de entrevistas semi-estruturadas e *conversas informais*.



Técnicas e Instrumentos

A presente pesquisa utilizou realizou uma *entrevista semi estruturada*, gravada com o consentimento dos entrevistados e composta de duas partes: primeiramente a coleta dos dados bio-sócio-demográficos e em seguida foram coletadas informações acerca da inserção destes adolescentes na tribo, suas motivações, a dinâmica de funcionamento do grupo e como lidam constantemente com o processo de estigmatização. Além disso, como já foi descrito anteriormente, foram privilegiadas as *conversas informais*, pois, muitas informações importantes foram fornecidas nos momentos em que os adolescentes agem de forma mais espontânea. Outro instrumento importante que foi utilizado foi o fornecimento de fotografias selecionadas pelos adolescentes, com o intuito de que os mesmos registrem suas próprias percepções acerca do estilo de vida do grupo. Este artifício foi utilizado como forma de compreender as manifestações culturais provenientes destes sujeitos. O recurso de técnicas que não se baseiam exclusivamente na linguagem verbal tem sido recomendado por diversos pesquisadores na área da infância e da juventude (Neiva-Silva, & Koller, 2002) como uma complementação das informações adquiridas.

Procedimentos de Análise

Os dados obtidos através das entrevistas foram transcritos e submetidos à Análise de Conteúdo qualitativo. Além disso, foram analisadas em conjunto os registros do diário de campo e as fotografias selecionadas pelos participantes, como forma de realizar um cruzamento das diversas fontes de informação e confrontá-los com a literatura existente.

Considerações Éticas

De acordo com a Resolução de Pesquisa com seres humanos (Resolução 196/96), indivíduos menores de dezoito anos completos somente poderão participar da pesquisa se os pais e/ou responsáveis consentirem legalmente. É válido ressaltar que este artigo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Salvador (UNIFACS). O TCLE foi enviado por intermédio dos adolescentes para os seus responsáveis, para que esses tenham acesso a todas as informações necessárias para participação dos adolescentes na pesquisa, como os objetivos e métodos e a garantia de anonimato. Além disso, foi solicitado o

assentimento do próprio adolescente, sendo garantido o sigilo das informações fornecidas pelos participantes. Além disso, os mesmos foram devidamente avisados, antes de sua inserção na pesquisa, do direito de desistir em qualquer momento da pesquisa. Não houve nenhuma recompensa ou pagamento para os entrevistados, e sim uma devolução de resultados ao final da pesquisa, sendo disponibilizada uma cópia do artigo para os adolescentes e agendado um encontro para a discussão e esclarecimento dos resultados. Este procedimento também foi utilizado nas entrevistas realizadas com os genitores dos adolescentes.

Para realizar a análise dos dados da pesquisa, todos os dados provenientes das entrevistas semi estruturadas, registros do diário de campo e fotografias foram agrupados, sendo que a partir da análise foram construídos alguns eixos temáticos. Cada eixo busca compreender um aspecto da dinâmica de funcionamento e das vivências dos adolescentes que participam dos grupos *emos*.

Resultados

Grupo Emo: dinâmica de funcionamento

Este primeiro eixo foi dividido em cinco partes que buscam analisar desde o momento de ingresso do adolescente no grupo até as atividades realizadas, destacando-se, ainda, a formação de lideranças, os relacionamentos afetivos e a ideologia que une os integrantes desta tribo urbana.

Ingresso no grupo

Dos dez adolescentes entrevistados, oito responderam que o ingresso para o grupo foi através de amigos que já se identificavam com a tribo. Roberto⁶ (19 anos) relata que “*Eu curtia as músicas, aí depois eu comecei a conhecer pessoas que também faziam parte do estilo, que gostam... Aí elas começaram a me explicar melhor o que era e aí eu me identifiquei com isso, aí eu vi que eu era aquilo ali entendeu? (...)*”. De acordo com Pais (2004) “as tribos geram sentimentos de pertença e os seus marcos conviviais são garantias de afirmações identitárias” (p. 23). Percebe-se que para a maioria dos entrevistados, estes buscaram através de um grupo com afinidades confluentes, uma forma de construir sua identidade. Dois adolescentes responderam que foram apresentados ao estilo através das músicas de bandas *emocore*, como por

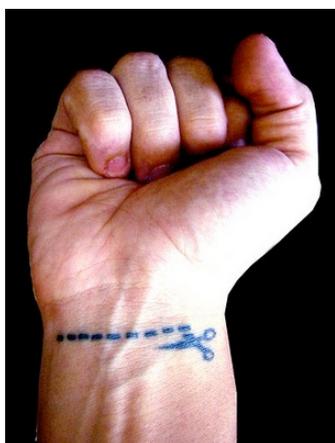
⁶ O nome dos adolescentes foi alterado para garantir a privacidade e o anonimato dos mesmos.



exemplo, Joana (17 anos) que afirmou que:

“Bom, desde quando eu tinha 13 anos eu comecei a escutar bandas que tinha uma pegada emo... Mas assim, eu comecei a me vestir de preto, usar a franja de lado, chorar, me cortar e tal... Mas eu não tinha muitos amigos que curtiam isso, e começaram a me sacanear, falar que eu era doente e tal... Depois que comecei a andar com algumas pessoas que curtiam o que eu gostava e aí eu me senti melhor”.

Desta forma, compreende-se que as possibilidades identitárias, para o ingresso em uma tribo urbana, também podem ser afetadas pelo acesso às informações, pois, alguns adolescentes buscaram através da internet, músicas e estilo visual uma forma de inserção em um grupo urbano. Um aspecto que cabe ser destacado na fala de Joana é a banalização de certos comportamentos de risco, como a escarificação. A adolescente equipara o ato de se cortar com ouvir músicas melancólicas e usar roupas pretas. O corte dos pulsos foi relatado por mais três adolescentes, além de ter sido selecionado em uma das fotografias enviadas pelos adolescentes como pode ser visto nas imagens a seguir:



Além disso, foi possível verificar no momento das entrevistas, que não existe um ritual específico em relação à inserção de um adolescente na tribo. Para três adolescentes, a entrada de um novo membro só não é bem vista quando os integrantes do grupo o percebem como *poser* (um termo pejorativo utilizado pelos



emos e outras tribos urbanas para denominar um indivíduo que finge ser o que não é). Como por exemplo, para o adolescente André, 15 anos ao afirmar que:

“Tipo assim, se a pessoa, se a gente não vê que a pessoa é poser, tipo assim, gosta de se arrumar, mas não gosta da música, não gosta de nada, aí você começa a conversar com aquela pessoa, você vê que aquela pessoa não sabe nada do estilo, aí eu não vou botar essa pessoa no meu grupo não, por favor, dá licença, aí aquela pessoa que a gente sabe que realmente curte a música, curte o estilo, fica, e quem não curte nada, sai”.

Nota-se que para alguns participantes, é necessário que o novo membro possua de fato, afinidades em relação às características da tribo. De acordo com Maffesoli (2006), as tribos urbanas são grupos constituídos de pessoas com afinidades confluentes em relação aos valores culturais, em um dado momento histórico social.

Liderança e ideologia

Quando questionado sobre se existe algum tipo de liderança no grupo, seis adolescentes responderam que não existe um líder, porém existem alguns *emos* que são mais populares e que possuem uma maior articulação entre as pessoas. Para estes entrevistados, a lógica da liderança está intrinsecamente associada à subordinação. Além disso, quando questionados sobre a existência de uma ideologia da tribo, foi percebido que de fato, existem apenas fatores que impulsionaram os adolescentes a possuir o estilo *emo*. Para cinco adolescentes, não existe uma ideologia para o grupo, e sim, afinidades em relação ao estilo visual e musical, e isso fica explicitado na fala de Joana (17 anos), quando ela afirma que:

“Como eu te falei, tem a tristeza... Não ser aceito pelas pessoas, ainda mais quando é pai e mãe que não aceita você só porque você curte um estilo é muito difícil... Então a gente fica triste com isso e tal, e procura se... Como é... Consolar, isso, consolar com amigos que estão na mesma situação que você e com as músicas que falam desses sofrimentos”.

Percebe-se, a partir da fala supracitada, que a busca por felicidade para adolescentes *emos* é através do convívio com pares que possuam afinidades em relação à melancolia e a tristeza que estão sentindo. Esta busca pelo convívio com semelhantes é uma forma de expor suas angústias como forma de minimizar seus



sofrimentos e compartilhar sobre afinidades em comum. Foi possível observar, a partir do discurso da maioria dos entrevistados, que o ingresso no grupo tem como motivações principais problemas pessoais, modismo, gostos musicais e estéticos comuns, dentre outros. No entanto, alguns adolescentes possuem comportamentos autodestrutivos, como por exemplo, a escarificação, trazendo a tona de fato, um problema de ordem psíquica. Para Jatobá (2010), “O ato de escarificar é um tipo superficial de automutilação, a qual envolve um ato intencional de um indivíduo que objetiva modificar ou destruir uma parte do tecido do corpo, sem ter a intenção de cometer o suicídio.” (p.9).

Relacionamentos afetivos

Ao ser indagado sobre os relacionamentos amorosos, sete adolescentes responderam que não existe preconceito em relação à opção sexual dos integrantes da tribo. A adolescente Joana (17 anos), afirma que:

“É tenso (risos)! Assim, ser hetero é o mais comum, mas alguns emos são bissexuais ou homossexuais... Eu já fiquei com meninas e meninos, entendeu? Eu me apaixono pela pessoa! Não preciso nem saber se é menino ou menina! Eu acho que é isso que é legal... Você vai ser aceito independente disso! Tem gente que entra no grupo, tipo, quando é gay, só pra ser aceito e ter amigos! Mas depois que vai conhecendo as bandas, as roupas, curte mais ainda! O relacionamento é igual só que não tem preconceito!”.

Os outros três participantes preferiram não aprofundar no tema, relatando apenas que “é normal, cada um tem suas escolhas” (Cauã, 17 anos). Em relação às amizades, foi questionado para os entrevistados se os mesmos possuem amigos que não são *emos*, sendo que quatro adolescentes afirmaram que só possuem amigos *emos* como, por exemplo, a adolescente Paula (16 anos), que relata que sofreu preconceito dos amigos ao ingressar para o grupo *emo*: “(...) Hoje em dia não ando mais com eles (amigos que não são *emos*), porque as pessoas que eu andava antes não aceitavam essa nova tribo que eu ando, aí rolou preconceito...”.

Impacto do ingresso no grupo sobre as relações familiares

Dos dez adolescentes entrevistados, oito afirmaram que os pais não aceitaram sua escolha de ter se tornado *emo*, demonstrando sua desaprovação, ou até mesmo,



como no caso de Roberto (19 anos) uma proibição em relação a sua inserção na tribo. O entrevistado revelou que:

“eu tive que cortar o cabelo porque se não eu ia ter que sair de casa, porque eu moro com minha tia e aí teve um dia que ela disse pra eu cortar naquele dia, porque, se eu não cortasse, eu já tava fora de casa. Aí eu peguei, passei umas horinhas fora de casa, e depois eu cortei”.

É interessante compreender que para alguns adolescentes, pode existir um rompimento dos vínculos familiares, somente pelo fato do mesmo ingressar em um grupo urbano. Para a adolescente Joana (17 anos), se existe um sofrimento por parte dos pais, não é intencional:

“Eu não tenho a intenção de machucar eles, mas eu quero viver as coisas que gosto, andar com quem me aceita e quem curte as mesmas coisas que eu! Eu não posso me enquadrar em algo, sabe, tipo, ser do jeito que os outros querem! E as minhas vontades? Como é que ficam? Por isso fico muito na rua, porque eu me sinto livre sabe? Fico com meus amigos que me aceitam como eu sou!”.

De acordo com Steinberb e Morris (2001), durante esta fase de desenvolvimento, os adolescentes passam a maior parte do tempo com amigos, existindo uma redução significativa no período em que convivem com os pais. Apesar dessas mudanças no convívio com os familiares, os autores afirmam que as relações com seus pais influenciam nas interações com seus pares. As relações com amigos muitas vezes são resultados das experiências de socialização que o adolescente aprendeu com a família. Dois adolescentes afirmaram que a família os apóia, porém para o adolescente Cauã (17 anos), *“Minha família só se preocupa quando começaram a divulgar as agressões sofridas pelos adolescentes dessa tribo”.* Percebe-se que para uma dessas famílias, existe uma aceitação em relação ao ingresso no grupo, porém existe uma preocupação em relação à violência direcionada a adolescentes *emos*.

Em relação aos pais entrevistados, foi possível perceber explicitar que, por mais que para algumas das famílias entrevistadas não tenha havido, inicialmente, uma aceitação completa sobre a entrada de um membro para uma tribo urbana tão estigmatizada como os *emos*, nestas, não houve repressão por parte dos pais para que os filhos abandonassem o grupo. Dessa forma, percebe-se que mesmo havendo



uma contrariedade e certa resistência ante aos *emos*, o fato dos pais participantes não reprimirem seus filhos por isso, evidencia uma tentativa da família em proporcionar bem estar e liberdade de ação para os adolescentes. Para Wagner, Ribeiro, Arteche e Bornholdt, (1999):

“Bons níveis de saúde familiar, muitas vezes, encontram-se associados a núcleos que favorecem tanto a expressão de agressividade, de raiva e hostilidade, quanto de carinho, ternura e afeto. A partir desta perspectiva, constata-se que os aspectos relacionados ao bem-estar psicológico do adolescente sofrem, invariavelmente, e de forma preponderante, influências das diversas situações que o indivíduo vivencia na sua família” (p. 1).

Este dado pode ser apreciado de forma mais clara a partir da fala de um dos pais denominado aqui como João, quando ele pontua como começou a perceber as mudanças no comportamento do filho:

“(...) achei natural né? Um adolescente se expressar, através de um estilo musical, das roupas... Mas eu não gosto dos emos. Não me identifico muito com eles... Não gosto do grupo emo em si... Não me atrai muito as questões deles, não me agrada... Mas, óbvio que respeito. É a maneira que eles têm de se expressar, mas não gosto muito”.

A entrada para o grupo também foi concebida pela maioria dos pais com desdém e com brincadeiras por parte de outros familiares. Outro dado que aqui pode ser apresentado é que alguns adolescentes não costumam frequentar reuniões familiares. Essa observação comum aos resultados de duas entrevistas sugere que os adolescentes *emos*, visando não se expor aos comentários e julgamentos depreciativos de seus familiares, se abstêm de um convívio mais freqüente com os mesmos.

Escola

No roteiro da entrevista não foi questionado sobre o impacto do ingresso do adolescente *emo* no âmbito escolar. No entanto, por ser um contexto privilegiado de interação, alguns adolescentes trouxeram situações as quais vivenciam na escola, em relação a práticas de *bullying* e dificuldade de estabelecer relações interpessoais. Para Ana (12 anos), a escola é um ambiente conflituoso, pois, a adolescente afirma que

“(...) *eu já sofri bullying verbal na escola*”. A partir da fala de Ana, percebe-se que no ambiente escolar existe uma não aceitação por parte dos colegas em relação à escolha da adolescente em se tornar *emo*. Isto pode ser reafirmado pela fala de Joana (17 anos), ao pontuar que:

“Eu só possuo amigos emos. Na escola eu fico mais sozinha, porque lá não gostam de mim porque eu sou emo. Meu apelido lá é “viadinha”. Mas eu não ligo mais. Se eu ligar eles vão perturbar mais. A melhor coisa que você faz é fingir que não é com você. Aí você não apanha e não piora sua situação. Eu tenho que me sentir preparada para ir pra escola todo dia. É um inferno! Não vejo à hora de sair desse hospício!”.

Já foram deflagrados por alguns veículos de comunicação⁷, casos de agressões e atos de *bullyings* aos *emos*. De acordo com adolescentes que se autodenominam *emos*, eles são alvos constantes de insultos e agressões físicas por partes de outras tribos urbanas e de outros segmentos da sociedade.

Estilo emo: fontes de influência

O eixo acima foi dividido em duas partes e construído para explicar fatores que influenciam o estilo *emo*. Foi abordado sobre a caracterização visual e a vertente musical *emocore*.

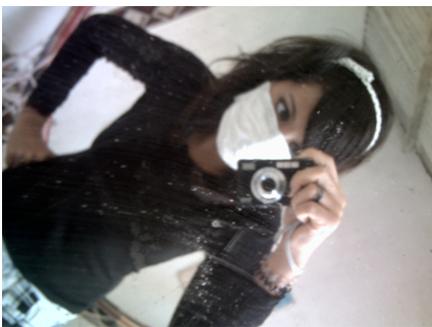
Estilo Visual

Nove adolescentes que participaram da pesquisa afirmaram que a caracterização visual é importante para o ingresso na tribo. As vestimentas e os acessórios tornaram-se cruciais para a identidade da tribo. O adolescente Bernardo (16 anos) afirma que *“calça skinny, all star branco, hoje em dia tem a modinha do Nike colorido, franjinha, às vezes até costeleta, piercings, alargador, estilo nerd, piercing no lábio... é isso!”*. Ao longo das entrevistas, foram citados adolescentes que se autodenominam *playssons*⁸, e o que mais foi pontuado para caracterizar o grupo, foram as roupas e acessórios que eles utilizam. Nota-se que para os adolescentes o

⁷ <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1124406-1664,00.html>

⁸ De acordo com os participantes da pesquisa, *Playsson* é uma tribo urbana constituída por adolescentes que residem em comunidades periféricas, usam vestimentas e acessórios com estilo do *surf* e que escutam *rap* e *pagode*.

estilo visual é bastante marcante, pois a caracterização serve como forma de diferenciação entre as tribos. Vale ressaltar que a apropriação do estilo *emo*, se torna independente de classe social, pois, existem estratégias para aderir ao estilo independente do suporte financeiro. Diante disso, as tribos urbanas, ao se valerem de signos visuais e preferências musicais para se identificarem, estão inseridas dentro dessa lógica do consumo. Foi necessário realizar uma análise das fotografias registradas pelos adolescentes, uma vez que em sua maioria ocorreu o surgimento de fotos explicitando o estilo visual do *emo*.



Estilo musical

Conforme afirmado anteriormente, o ingresso para o grupo *emo* é determinado pela apreciação do estilo musical. Para cinco adolescentes as bandas e as músicas são cruciais para aderir ao grupo. Para Paula (16 anos), a música foi um fator

preponderante, já que a adolescente afirma que *“No meu caso, foi quando escutei uma música do Simple Plan chamada “Welcome to my life”⁹, tem um tempo já que fala sobre ser diferente e tal... depois disso, eu me encontrei com a tribo! (...)”*. Os ídolos dos emos tornaram-se figuras transferenciais, pois, para alguns adolescentes as letras das músicas, que na maioria das vezes fala sobre conflitos familiares, relacionamentos amorosos e não aceitação da sociedade explana o que eles vivenciam ao se inserir em um grupo urbano. Para Roberto (19 anos), *“(...) Quando uma banda toca aquilo é como se ela também já viveu aquilo e por isso a gente se sente mais forte. Tipo tem letras que falam dos pais, aí você começa a curtir rock...”*. Para Cole & Cole (2003) nesta fase do desenvolvimento, existe uma exacerbação dos sentimentos e conflitos em relação aos pais, e percebe-se através das músicas de algumas bandas *emo* que não é explicitado uma razão para o surgimento dos conflitos.

Estigmatização

Este eixo foi apresentado com o intuito de compreender o estigma sofrido por adolescentes *emos*. Dos dez adolescentes entrevistados, todos afirmaram que a sociedade os enxerga com preconceito. Para Joana (17 anos), existe uma proibição por parte da sociedade em relação à escolha de um adolescente em ingressar para uma tribo *emo*. A adolescente relata que *“As pessoas não podem ser o que elas querem ser. É proibido. Se você não for pagodeira, apanha. Acho que porque aqui é comum ouvir pagode. Se eu fosse de São Paulo, pode ser que eu não apanhasse tanto (risos)! Acho que isso não vai terminar nunca. Sempre os emos vão sofrer preconceito. Então preciso ser forte pra não ligar pra isso e viver do jeito que eu gosto”*. André (15 anos) pontua que sua amizade com Bernardo é escondida dos pais, pois sua mãe o proibiu de ter contato com amigo por influência de outras pessoas. Relata que:

“(...) um dia Bernardo tava na escola de minha mãe e tava sentado, antigamente quando Bernardo freqüentava minha casa e eu freqüentava a dele, e tava sentado na escola, assim sentado lá no banco, aí uma mãe de aluno tava sentada, aí Bernardo entrou, aí não falou com ninguém, porque você vê que ele tem o jeito tipo fechado, mas quando você conversa com ele você vê que ele é super gente boa, aí Bernardo passou sem falar com ela, com alargador, e ele

⁹ A música “Welcome to my life” da banda canadense Simple Plan explora os conflitos vivenciados no período da adolescência.



tava com mais piercing do que hoje, e tal, e aí causou uma má impressão a ela, aí ela foi falar com minha mãe, pra ela não deixar aquele menino andar comigo, porque Bernardo era isso e aquilo, porque eu acho que minha mãe foi muito influenciada pelos outros, e pelo que falavam de Bernardo, aí meio que destruiu nossa amizade, as pessoas tem uma impressão, vê uma coisa meio... Sei lá, tem uma impressão de como eu te falei de drogado, sem rumo, essas coisas (...)”.

De acordo com Goffman (1982) indivíduos estigmatizados são aqueles que não conseguem se adequar as normatizações e convenções da sociedade. Percebe-se que a caracterização visual de Bernardo, foi um fator preponderante para a genitora de André o enxergar como uma má influência para o seu filho. Posteriormente, foi pontuado como lidam com o preconceito que sofrem diariamente, e os adolescentes afirmaram que possuem a estratégia de “não ligar” para se esquivar das agressões físicas e verbais as quais vivenciam. A adolescente Joana (17 anos) relata que *“Como eu falei né, nunca vai deixar de existir. Eu apanho, me xingam, mas agora eu não ligo mais. Eu preciso não ligar entendeu? Se não eu fico doida!”*.

Outro questionamento que norteou o tema foi sobre a relação com outros adolescentes de outras tribos e se existe preconceito. Para sete adolescentes, existe um respeito por parte dos *emos* em relação a outros grupos, porém outros grupos os agredem constantemente e não respeitam suas escolhas. Alguns participantes da pesquisa relataram que alguns adolescentes de outras tribos, que passam pela passarela que se encontra próxima ao estacionamento, disparam sobre os *emos* agressões verbais e os ameaçam constantemente. Poliana (16 anos) relata que

“Existem os Playssons, e às vezes eles chegam lá e perturbam a gente do nada, e eu não entendo isso. Por exemplo, a gente não pode ir pro 3° piso do shopping porque ali é a área deles, é incrível porque tipo assim a gente não sobe e nem eles descem, você vê que o terceiro piso fica infestado de playssons, aqui no Salvador Shopping, porque pra falar a verdade a gente era do Iguatemi, só que assim como foi crescendo, aí fica meio que chato a gente ficar lá, e os seguranças ficam mandando a gente circular, e isso acontece aqui no Salvador Shopping entendeu, eles também ficam mandando a gente circular... a gente normalmente quando ta chovendo, eles ficam mandando a gente circular, mandando sair, tal... porque eles acham que a gente faz tumulto entendeu? Aí o último lugar que a gente vai é pro terceiro piso... a gente fica lá fora, lá no

ponto... a gente fica lá perto do Bompreço...”.

Percebe-se a partir do discurso da adolescente, que existe uma delimitação da área em que os adolescentes *emos* podem circular, e esta área se encontra nos arredores do *shopping center*. Como a maioria dos entrevistados pontuou, é neste contexto de risco e vulnerabilidade social que os adolescentes *emos* se encontram, através de práticas como o *bullying*, chegando até mesmo a agressões físicas por parte de outros adolescentes.

Conclusões

Esta pesquisa teve um caráter exploratório e objetivou uma aproximação com uma realidade ainda não estudada que são as experiências vivenciadas por adolescentes que ingressaram para o grupo *emo*. Ao longo da pesquisa percebeu-se a importância de realizar um estudo com os próprios adolescentes, seguindo uma proposta ecológica que prevê a importância de se analisar o desenvolvimento humano, a partir das pessoas envolvidas no contexto em que tais processos se estabelecem.

A realização de um apanhado geral de conceitos teóricos permitiu que houvesse um entendimento sobre a necessidade do adolescente em se inserir em grupos urbanos. Essa inserção ocorre com o intuito deles se expressarem e manifestarem suas insatisfações pessoais, além da busca de sua identidade individual através da expressão coletiva. Além disso, vale ressaltar a dificuldade de encontrar estudos científicos no campo da Psicologia sobre o grupo pesquisado.

O objetivo inicial foi o de descrever a dinâmica de funcionamento do grupo, com o intuito de compreender de que forma os adolescentes *emos* se relacionam. Ao longo das informações coletadas durante a pesquisa, foi importante compreender que a tribo urbana *emo* se estabelece basicamente através de relações virtuais, pois a marcação de encontros, caracterização visual, melancolia e autodepreciação através das músicas, são apropriadas através das redes sociais que abordem sobre o grupo. Vale ressaltar sobre esta nova forma de acessar os participantes do estudo através de *sites* de relacionamentos, principalmente com a população pesquisada, já que, como descrito anteriormente, o acesso a esses adolescentes se encontra mais fácil através do advento da internet. Foi também questionado sobre os relacionamentos amorosos, e a maioria dos adolescentes confirmaram a abertura em relação à opção sexual,



independente de gênero.

Outro dado relevante na pesquisa foi em relação à idéia pré-concebida de que para ingressar em um grupo urbano tão atrelado a lógica do consumo como os *emos*, seria necessário um maior recurso financeiro para a inserção na tribo. Dos dez entrevistados, nove residem em bairros periféricos da cidade de Salvador. Pode-se ter como hipótese que através da internet, os adolescentes podem reproduzir roupas e acessórios, comprando em lojas de departamentos com um custo mais baixo e utilizando outras estratégias para consumir os produtos que os identifiquem como *emos*. Nota-se que está havendo uma popularização cultural dos símbolos de identificação do grupo através da internet.

Outro objetivo que foi apresentado foi o de investigar as motivações que levam os adolescentes a ingressar em um grupo *emo*. Foi percebido ao longo das entrevistas que para a maioria dos adolescentes a apresentação do que era a tribo foi realizada através de amigos. Com isso, pode-se compreender que a necessidade do estar junto é um fator relevante para o ingresso de um adolescente em uma tribo urbana, especificamente no grupo *emo*. As músicas (que abordam conflitos familiares, decepções amorosas e não aceitação da sociedade) também foram pontuadas por dois adolescentes como motivadoras para a inserção no grupo. A caracterização visual também contribui para a entrada no grupo, pois foi percebida ao longo das entrevistas, a importância das vestimentas e dos acessórios para se autodenominar como *emo*.

Foi também abordado na pesquisa o impacto que ocorreu nas relações familiares desses adolescentes após se inserirem no grupo. Para oito entrevistados, a família não aceitou o seu ingresso no grupo e por conta disto surgiram muitos conflitos familiares. O adolescente Ivan (16 anos) afirma que *“Minha família é ignorante e na frente deles é legal fazer isso (chocar os pais), porque eles ficam “Ah, você é emo”. Eu não ligo velho, não ligo muito pra isso...”*. Esses embates entre pais e filhos podem ser observados, já que, em momentos distintos, essas duas gerações almejam questões diferentes e são influenciadas por outras manifestações culturais. De fato, percebe-se que cada geração compreende a outra a partir dos seus próprios valores e ideais. Isso significa que o ideal de juventude/adolescência de cada pai/mãe foi construído a partir daquilo que ele/ela viveu em sua própria adolescência, e por isso os conflitos perduram ao longo das gerações.

Para Carter e McGoldrick (1995) ocorrem diversas transformações familiares

quando um de seus membros ingressa em uma tribo no período da adolescência. Essas mudanças de normas e limites vêm como forma de propor uma maior autonomia e independência ao adolescente. Com isso, é recomendado que os outros integrantes encarem o adolescente com mais flexibilidade. No entanto o que se observa, na maioria das vezes, é que os pais continuam a impor regras que utilizavam na infância dos filhos, sem adequá-las as necessidades atuais do adolescente, o que acarreta em diversos conflitos no âmbito familiar.

Em relação aos pais entrevistados, foi possível perceber que a inserção em uma tribo pode ser visualizada inicialmente como um evento estressante para os pais e parentes do adolescente. Porém percebe-se que para cada contexto familiar o ingresso em um grupo urbano varia de acordo como cada núcleo familiar se estruturam.

A partir da análise dos dados apresentados pelos genitores, três tipos distintos de configurações familiares foram apresentados, além das repercussões que o ingresso do grupo *emo* teve sobre as mesmas. O primeiro tipo refere-se a um tipo de relação marcada pela ausência de comunicação na díade parental, que é acentuada pelo ingresso do adolescente no grupo, e como reflexo percebe-se um distanciamento da adolescente e a genitora que, desconhece o estilo de vida atual da filha assim como seus principais anseios e motivações. O segundo tipo de relação é caracterizado pelo elevado conhecimento no ingresso em tribos urbanas, mas ao mesmo tempo uma não aceitação da escolha feita pelo adolescente, que contribui para certo afastamento entre o genitor e o filho. O último tipo caracteriza-se por um interesse da família em compreender e aceitar as escolhas feitas pelo adolescente, mesmo quando estas vão de encontro aos valores familiares. Trata-se de um modelo de relação que favorece o desenvolvimento pessoal e o fortalecimento da unidade familiar.

Em relação às amizades, alguns adolescentes pontuaram que não possuem amigos na escola, por conta do seu ingresso em um grupo *emo*. A partir disso, pode-se adentrar ao objetivo final da pesquisa que foi o de investigar de que forma os adolescentes lidam com o estigma social/preconceito em relação a eles. Para todos os adolescentes entrevistados, adolescentes que ingressam em um grupo *emo* sofrem preconceito da sociedade. Alguns entrevistados relataram casos de agressões físicas e verbais sofridas tanto no contexto escolar como por adolescentes de outras tribos urbanas. A adolescente Joana (17 anos) relatou durante a entrevista que “*Me bateram*



na saída da escola, e uma vez no shopping Iguatemi... Eu tive que esconder dos meus pais os roxos e as feridas...". Alguns autores já alertam que práticas de *bullying* podem levar a criança/adolescente a um isolamento social e ao surgimento de problemas psíquicos, que podem ocasionar a comportamentos agressivos e atitudes mais drásticas, como por exemplo, o suicídio (Oliveira, 2007). Percebe-se que ainda na escola, existe uma segregação social entre os estudantes, onde o que se é considerado diferente é excluído sem motivações aparentes. Isso só confirma a necessidade de propiciar discussão acerca do tema, para que se possa minimizar o preconceito sofrido por estes adolescentes.

É válido ressaltar que seria pretensioso considerar um tema tão vasto e ainda tão pouco discutido sendo resumido apenas por essa pesquisa. Muito ainda pode ser analisado e discutido acerca do assunto, pois, os *emos* ainda se encontram em situação de risco e vulnerabilidade social necessitando que sejam propostas as devidas intervenções para minimizar as agressões físicas e verbais sofridas por eles.

Referências Bibliográficas

- Bee, H., & Veronese, M.A.V. (2003). *A criança em desenvolvimento*. 9ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Becker, D. (1989). *O que é a adolescência*. São Paulo: Brasiliense.
- Biaggio, A. (1978). *Psicologia do Desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes.
- Brasil (1990). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Cole, M., & Cole, S. (2003). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cotes, P. (2006). O estilo emo. **Revista Época**, online, acessado em 06/03/2009 e disponível no endereço eletrônico: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1124406-1664,00.html>.
- Erikson, E.H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Filho, J.F. (2007). *Reinvenções da resistência juvenil: Os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad.

- Goffman, Erving (1982). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Jatobá, M.M.V. (2010). *O ato de escarificar o corpo na adolescência: Uma abordagem psicanalítica*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Jimenez, A.L., Gotlieb, S.L.D., Hardy, E., & Zaneveld, L.J.D. (2001). Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis em mulheres: associação com variáveis sócio-econômicas e demográficas. *Cad. Saúde Pública* [online], 17(1).
- Maffesoli, M. (2006). *O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.
- Neiva-Silva, L., & Koller, S.H. (2002). O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, *Estudos de Psicologia*, 7(2), 237-250.
- Oliveira, J.M. (2007). *Indícios de casos de bullying no ensino médio de Araraquara – SP*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente do Centro Universitário de Araraquara – UNIARA para obtenção do título de Mestre.
- Oliveira, M.C.S.L., Camilo, A.A., & Assunção, C.V. (2003). Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças. *Temas em Psicologia da SBP*, (11), 61-75.
- Pais, J.M. (2004). Introdução. In L.M.S. Blass & J.M. Pais (Eds.). *Tribos urbanas: produção artística e identidade*. São Paulo: Editora Annablume.
- Pais, J.M. (2006). Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In M. I. M. Almeida & F. Eugenio (Eds.), *Culturas jovens: Novos mapas do afeto* (pp. 7-21). Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.
- Reis, R.P. (2007). Relação família e escola: uma parceria que dá certo. *Mundo Jovem*, (373), 6.
- Steinberg, L., & Morris, A. S. (2001). Adolescent development. *Annual Review of Psychology*, 52, 83-110.
- Wagner, A., Ribeiro, L.S., Arteche, A.X., & Bornholdt, E.A. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicol.Reflex.Crit.* [online], 12(1), 147-156.